

NOTA DA REDAÇÃO

O número 106 da revista *Agália* contém sete trabalhos que procedem de Portugal (3), do Brasil (3) e de Galiza/ Brasil (1) e que, apesar da sua natureza diversa, dão um contributo ora para a construção de um conhecimento novo e melhor alicerçado sobre os objetos de estudo focados, ora para a identificação de aspetos suscetíveis de mais aprofundamento ou alargamento. Posto isto, vários dos artigos apresentam certa conexão na atenção prestada — a partir de suportes literários, linguísticos ou audiovisuais — a diferentes modos de produzir (ou conservar) a identidade e de construir a definição identitária, em função do contexto geográfico e/ou histórico e em virtude dos relacionamentos que se estabelecem com o(s) outro(s).

Depois de ter realizado uma estadia pós-doutoral na Universidade de Santiago de Compostela, a professora Raquel Bueno, da Universidade Federal do Paraná, apresenta de modo comparativo as ligações estabelecidas entre viagem e identidade, na Galiza e no Brasil, por Otero Pedrayo e Mário de Andrade, respetivamente. Para isso, focaliza os périplos pelo interior dos seus países realizados por ambos em 1927 — altura na qual eram já considerados figuras fundamentais no campo cultural das suas latitudes — e, sobretudo, os textos elaborados em relação com essa experiência, concluindo que o conhecimento em primeira mão foi manancial para a incorporação do oral e do popular na escrita diferencial que procuravam.

O trabalho do doutor Vanderlei Zacchi, da Universidade Federal de Sergipe, aborda a definição ou, melhor, a produção da identidade através tanto do antagonismo como da diferença, focalizando o caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), largamente divulgado nos cenários brasileiro e internacional, no decurso do tempo e no percurso do relacionamento quer com os seus oponentes, quer com os seus parceiros. A seguir, Ivânia Neves e Maurício Correa, também ligados a duas instituições do Norte brasileiro — a Universidade Federal do Pará e a Universidade da Amazônia —, apresentam as negociações da cultura feitas, ao longo dos anos, pelo povo tupi morador na Terra Indígena Sororó (Amazônia, no sudeste do Pará), para depois colocar uma

série de reflexões abundantemente nutrida pelas experiências resultantes da realização, nessa comunidade Suruí-Aikewára, de um projeto que, por meio da escola e usando os *media*, situava as crianças entre a tradição e as novas tecnologias.

O saber clássico e as suas pegadas em épocas mais recentes surgem nos artigos de Rui Sousa e de Reina Pereira. No primeiro, o investigador do CLE-PUL explora a relação entre conhecimento, excecionalidade e destino trágico conforme aparece no *Rei Édipo*, de Sófocles, na figura do protagonista, e em *Os Maias*, de Eça de Queirós, particularmente associada às personagens de Carlos da Maia e de Maria Eduarda. No segundo, a professora da Universidade da Beira Interior procede a fazer uma ampla revisão dos diversos tipos de afetividade amorosa desenvolvidos na Antiguidade Clássica e aproveitados no período medieval, prestando uma atenção particular à “maleita amorosa” — que encara o afeto como patologia —, embora sejam mostradas possíveis vias para superar tal conceção negativa dos sentimentos.

Na sequência do trabalho sobre o *Compleat Account of the Portuguese Language* e a primeira *Grammatica Anglo-Lusitanica* (1701) que, focalizando a complexa questão da autoria, veio a lume no número anterior de *Agália*, o doutor Rolf Kemmler advoga pela identificação de A. J. com o franco hugonote Alexander Justice, contestando os argumentos contrários do investigador português Manuel Gomes da Torre e apontando as possibilidades que o levantamento e o estudo das peculiaridades das definições, a respeito da *Prosodia* e do *Thesouro*, oferecem para reforçar tal autoria.

O volume encerra-se com um artigo assinado pelo doutor Eduardo Penhavel, da Universidade Estadual Paulista, que visa a sistematização das múltiplas abordagens relativas aos marcadores discursivos (MDs). Partindo das revisões de Blakemore, Fischer e Risso, Silva & Urbano, identifica três agrupamentos fundamentais nos estudos existentes, em função de outras tantas concepções do MD, passando, a seguir, a detetar nelas um comum denominador, que chama de “conceito essencial”. Finalmente, desenha diversas opções de pesquisa e coloca avanços possíveis neste âmbito.

Felisa Rodríguez Prado
Roberto Samartim